

EÇA DE QUEIRÓS E OS GAÚCHOS

*Tania Franco Carvalhal**

RESUMO

Trata-se de analisar a difusão e a recepção da obra de Eça de Queirós no Sul do Brasil, inserindo-a no panorama geral do país e identificando suas peculiaridades através da leitura do livro biográfico de Viana Moog, dos artigos críticos de Augusto Meyer e das crônicas de Theodemiro Tostes, três autores gaúchos de mesma geração.

A VOGA QUEIROSIANA NO BRASIL

Todos aqueles que se ocupam com a difusão e a recepção da obra de Eça de Queirós no Brasil deparam-se com o expressivo volume da documentação existente. Com efeito, além da cuidadosa edição das obras de Eça para a Editora Nova Aguilar sob a coordenação de Beatriz Berrini (1999), são muitas as reedições da obra queirosiana ao longo de anos, variada e expressiva é a crítica a ela dedicada, freqüentes são também as notícias sobre o autor, os colóquios e as publicações, especialmente associados às datas comemorativas de seu nascimento e de sua morte. Neste conjunto, evoquem-se ainda as adaptações teatrais e para televisão, as dissertações e teses acadêmicas, além do material iconográfico relativo ao autor e a sua obra. Esta vasta documentação comprova a ampla disseminação da produção do escritor português junto ao público brasileiro e a generosa acolhida que lhe tem sido dada no país.

No volume recentemente organizado por Benjamin Abdala Junior com o título de *Ecos do Brasil. Eça de Queirós. Leituras Brasileiras e Portuguesas* (2000), o texto de Antonio Candido, “Eça de Queirós, passado e presente”, avalia o alcance desta propagação. O crítico refere-se a ela como um “culto”, característico de “uma

* Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

verdadeira rede nacional de apreço” que se estende por várias gerações. Para exemplificar, conta-nos fatos que testemunham o interesse e a empatia dos brasileiros por Eça, sentimentos que também se expressam no conhecimento que têm de sua obra, na presença de volumes do autor em bibliotecas particulares, na intenção de leitores em atribuir o nome do escritor ou o de alguns de seus personagens aos filhos, na adoção de pseudônimos queirosianos por cronistas e críticos, no uso de monóculo ou cartola por jovens que o tomavam como modelo de elegância.

Esta verdadeira voga tem sido explicada em sua antecipação pela quase simultaneidade de aparecimento da obra queirosiana em Portugal e no Brasil e, em sua eficácia, pela atuação de Eça na imprensa brasileira, como analisa Elza Miné em seu *Eça de Queirós, jornalista* (1986). Mas, segundo Antonio Candido, um outro argumento pode ser apresentado, o de que “o seu êxito enorme foi devido em boa parte a ter ele atingido plenamente os semicultos e até os incultos, pois é desses raros escritores eminentes dotados de uma inteligibilidade que os torna acessíveis aos graus modestos de instrução, como Fielding ou Thackeray.” E completa o crítico: “Escritores de duas dimensões que não são todavia superficiais, e que embora componham obras de estrutura complexa, não apresentam problemas muito complicados de entendimento, porque têm uma visão mais convencional da vida, além da graça de uma escrita plástica e atraente” (Candido, 2000, p. 14).

Portanto em Eça associam-se a complexidade estrutural e a clareza de exposição, coroadas por um estilo que ilustra e seduz. Pode-se dizer, então, que ao praticar o gênero romance e ao adotar uma estética fortemente realista, Eça acaba por responder positivamente ao horizonte de expectativa do leitor sendo por ele facilmente entendido e apreciado. Candido também menciona o talento de Eça para a caricatura como um outro elemento favorável à boa recepção, pois a criação de tipos reconhecíveis tornava mais acessível a sua obra ao grande público. O traço caricatural confere ao escritor “um poder de convicção” muito forte, fazendo com que o leitor aceite “sem pestanejar afirmações por vezes duvidosas. E este deve ter sido – conclui Candido – um dos traços responsáveis pela sua enorme voga”.

Ao finalizar o tópico, o crítico ainda observa “que a popularidade obtida no Brasil nem sempre resultou de uma compreensão mais completa” de sua obra. Muitas vezes, na leitura de Eça, deixou-se de lado os “meios-tons, o implícito, o refinamento que existe não apenas na construção da frase e no colorido das imagens, mas na maestria da composição”.

Como se vê, a acolhida reservada à obra queirosiana pelo público brasileiro seria resultante e estaria relacionada com o seu talento para conquistar o leitor e ganhar sua cumplicidade. Essas qualidades, associadas a uma escrita primorosa e convincente, têm garantido ao escritor a fidelidade de um público leitor variado e numeroso. No entanto, ao expressivo volume de estudos sobre sua obra nem sempre

corresponde a profundidade de análise que ela requer. Esta, em geral, fica a cargo de ensaios de maior fôlego, convertidos em livro, de dissertações e teses acadêmicas, que complementam o grande número de artigos e resenhas de jornal onde, muitas vezes, há ainda pistas de investigação e achados interessantes.

O fato é que Eça de Queirós caracteriza-se por agradar simultaneamente a distintos públicos, como também observa José Rodrigues Paiva em “Breve notícia sobre a recepção de Eça de Queirós no Recife”, comunicação apresentada no III Encontro Internacional de Queirosianos, organizado por Elza Miné na Universidade de São Paulo, em 1995. Ali Rodrigues Paiva comenta que o público recifense do escritor abrangia uma ampla comunidade cultural que se caracterizava por ser “menos o universitário e muito mais aquele a que se poderia chamar de ‘o grande público’, composto por leitores – alguns autenticamente privilegiados –, que, sem estarem preocupados com a análise, conhecimento ou visão científica do fenômeno literário, são, sobretudo, fruidores da criação artística” (Paiva, 1995, p. 576).

OS PÓLOS DA RECEPÇÃO LITERÁRIA

Quando se desenha a cartografia dos dados desta recepção, mesmo que não exaustivamente, percebe-se que no conjunto do território brasileiro há certamente pólos de maior concentração do interesse por Eça. Como observa Paulo Cavalcanti, “nas rodas boêmias dos fins do século, no Rio de Janeiro, em São Paulo, no Recife, os intelectuais adotavam-no como padrão literário. O *ecianismo* era moda” (Cavalcanti, 1983, p. 24).

Dada a importância que a obra queirosiana ganha em Pernambuco, Cavalcanti poderá dizer que Recife é a mais eciana das cidades brasileiras (Cavalcanti, 1983, p. 26).¹ Ali, o apreço pelo ficcionista português desponta muito cedo. José Maria Bello, autor de *Retrato de Eça de Queiroz* (1945), escreve sobre Eça em 1911, e este interesse se mantém inalterado em estudos posteriores de pernambucanos ilustres como Álvaro Lins, Manuel Bandeira, Gilberto Freire, Olívio Montenegro, Luis Delgado² entre outros, prolongando-se até a atualidade.³

Em 23 de agosto de 1995, por exemplo, o *Diário de Pernambuco*, reproduz uma entrevista de Dário de Castro Alves na qual o diplomata brasileiro, autor de *Era porto e entardecia*, observa que “o Recife é a cidade brasileira que se mostra na lide-

¹ “De todas as cidades no Brasil, no entanto, aquela em que mais se afigura enraizado e permanente o culto a Eça de Queiroz, é o Recife”.

² Aliás, o *Livro do Centenário*, organizado por Lúcia Miguel Pereira e Câmara Reis em 1945, é outro expressivo documento desse interesse, na época comemorativo do nascimento do escritor.

³ Veja-se ainda *Eça de Queirós: documentário de uma comemoração*. Recife, Prefeitura Municipal, 1947.

rança, entre todas as comunidades de expressão portuguesa – exceção apenas de Lisboa e o Porto – nos estudos acadêmicos da obra de Eça de Queiroz”.

Mas cabe aqui observar que, paralelamente às cidades já mencionadas como centros de interesse pela obra queirosiana, deve-se acrescentar a capital do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Ali se publica a segunda edição do livro de Álvaro Lins, *A história literária de Eça de Queirós* pela editora Globo em 1945 e muitos intelectuais gaúchos são leitores fiéis do escritor. Por isso Paulo Cavalcanti acrescenta ao conjunto de cidades anteriormente referidas essa indicação, escrevendo que “Agora mesmo, a cento e catorze anos do seu nascimento, fundam-se no Rio, em São Paulo, em Porto Alegre e no Recife círculos de admiradores, com o objetivo de estudar-lhe a vida e a obra, como tentáramos fazer, juntamente com Silvino Lopes, em 1948, com o “Clube dos Amigos de Eça de Queiroz”, que assustadiços ‘ecianos’, por falsos temores políticos, deixaram malograr” (Cavalcanti, 1983, p. 26).

É certo que no Sul a obra e a figura de Eça não se vinculam, como no Recife, com os ímpetus patrióticos e nacionalistas que, como conta Cavalcanti, ela soube estimular no nordeste brasileiro através da leitura das *Farpas* (1871-1872), escritas em parceria com Ramalho Ortigão.

No conjunto dos textos que constituem o *corpus* que analiso constata-se que no Sul do Brasil a presença do autor d’*O Primo Basílio* é de natureza sobretudo literária e de impacto mais estético do que político. Em sua obra os leitores gaúchos valorizam essencialmente o trato invulgar da língua portuguesa, a capacidade inventiva de criador, o ideário no qual o campo é mais valorizado do que as cidades, o emprego de fina ironia e, por vezes, do tom sarcástico.

Interessa reiterar que não houve intelectual sul-rio-grandense do século XX que tenha deixado de ler Eça de Queirós.⁴ Érico Veríssimo, por exemplo, refere em *Solo de Clarineta I* (1973) quais foram suas primeiras leituras no domínio da ficção. Eça encabeça a lista com *Os Maias*. Cabe investigar como alguns desses intelectuais sentiram na própria obra, com maior ou menor intensidade, o efeito do pensamento e do estilo queirosianos. Também importa investigar o quanto Eça foi objeto de atenção e como foi lido por toda uma geração de gaúchos. É o que se torna possível de identificar em textos de Vianna Moog, de Augusto Meyer e de Theodemirotostes. Autores da mesma geração, eles representam, cada um a seu modo, uma forma de ler e de incorporar traços ecianos que se traduzem, respectivamente, em livros, artigos, capítulos de livro escritos sobre ele.

⁴ Veja-se o que escreve Érico Veríssimo no primeiro volume de *Solo de Clarineta* (1973, p. 121): “Foi durante a influenza em 1918 que li pela primeira vez Eça de Queirós (*Os Maias*), Dostoiévski (*Recordação da casa dos mortos* e *Crime e castigo*), Tólstoi (*Ana Karênina*) e o Ivanhoé, de Walter Scott. E a minha salada literária foi um dia apimentada fortemente por livros de Émile Zola como *L’Assomoir*, *Naná*, *Germinal*, *Tereza Raquin* e *A besta humana*”.

EÇA ENTRE OS “GAÚCHOS”: A BIOGRAFIA PIONEIRA

O livro de Vianna Moog, *Eça de Queirós e o século XIX* (1938), tem sido valorizado por seu pioneirismo, mesmo com relação a Portugal, no trato biográfico do escritor. Portanto, ele não ilustra apenas o apreço que os autores sul rio-grandenses têm revelado em relação à obra e à figura de Eça mas se constitui em livro cuja originalidade, ainda hoje, está no caráter por vezes ficcional da narrativa. Quer dizer, escrito por um romancista, o texto tem um sabor e uma fluidez que tornam a leitura extremamente agradável. Talvez por isso, Carlos Reis no estudo *Leitores brasileiros de Eça de Queirós*: algumas reflexões diga que o livro de Vianna Moog teria sido “responsável pela construção de uma figura sedutora, que enlevou o leitor brasileiro quase tanto (ou porventura mais) do que as obras que, como ficcionista, escreveu” (Reis, 2000, p. 29).

Eça desponta aos olhos do leitor como uma personagem que se vai aos poucos construindo, desde o nascimento, em Póvoa do Varzim, até sua morte em Paris. É neste dia, 16 de agosto de 1900, que Vianna Moog também faz datar o final do século XIX. Para ele, com o desaparecimento de Eça, o século tinha terminado. Não há nesta conclusão apenas efeitos de romancista mas, sobretudo, a convicção de que Eça representara magistralmente o século que findava em suas características mais decisivas, pois sua obra soubera andar “colada ao seu tempo”, registrando-o e dando-lhe concretude.

Talvez seja Gilberto Freire, em sua semi-novela, *O outro amor do Dr. Paulo* (1977), quem irá completar a construção de Eça como personagem ficcional, tratando-o como tal no corpo do enredo. Também ali o escritor português, como cônsul de Portugal em Paris, torna-se constituinte da ficção, personagem híbrida que representa Eça e simultaneamente a voz do autor.⁵ O retrato anterior ganha, pois, de sul a norte do país, uma finalização quando o autor é a figura de certa forma idealizada que se deseja criar.

A CRÍTICA: DEPOIS DE MACHADO, MEYER

Como leitor permanente de Machado de Assis, Augusto Meyer certamente conhecia os comentários que o autor de *Brás Cubas* dedicou a *O Primo Basílio* e a *O crime do Padre Amaro*, nas páginas do jornal católico *O Cruzeiro*, em abril de 1878,

⁵ Tive a oportunidade de examinar esta questão em “Eça de Queirós e Gilberto Freire: centenários cruzados”, comunicação apresentada no colóquio internacional “Eça entre milênios. Pontos de olhar”, organizado sob os auspícios do Instituto Camões na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 14-16 de junho de 2000.

saudando o talento de ficcionista português, apesar de investir contra a doutrina da escola naturalista a que ele se filiava. O crítico gaúcho não teria deixado de reconhecer que as análises críticas de Machado foram produtivas, para Eça, na reescrita de *O crime do padre Amaro*⁶ e que, ao deter-se na obra queirosiana, Machado não só legitimava o escritor como também, através de seus comentários, acabaria expondo seu próprio método crítico e suas idéias com relação à orientação naturalista e à crítica literária. Será então não apenas como um leitor de época que Meyer se ocupará com a obra de Eça mas também a lerá com o filtro da análise machadiana.

Um primeiro artigo aparece em *O Jornal*, do Rio de Janeiro, em 3 de julho de 1938, com o título de “O Mandarim –viagem literária”, texto que será reproduzido no volume de crítica, *À sombra da estante* (1947) (Meyer, 1947, p. 209 ss.), denominando-se então “Origens d’O Mandarim”. No livro de 47 serão reunidos também dois artigos publicados no *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, respectivamente em 10 de fevereiro de 1946 e em 20 de julho de 1947. Esses artigos serão a base essencial do estudo que, no livro, tem o mesmo título dos anteriores, “Eça”.

Observe-se que nos três artigos Meyer aponta para eventuais modelos da obra queirosiana, como o fizera Machado anteriormente. E da mesma forma que Machado, ele estabelece a fonte apenas para valorizar diante dela o poder da criação. Sua preocupação não é com processos de cópia ou plágio mas, ao contrário, vê a originalidade na transformação do elemento apropriado. Para ele, como dirá, “quase sempre a sugestão é uma transfiguração inconsciente da memória literária”. Comenta, então, com relação a Flaubert que Eça, ao ser “incomparável em criar a ilusão dos ambientes”, conseguiu “ombrear com o modelo e, de certo ponto de vista, superá-lo” (Meyer, 1947, p. 228).

Percebe-se que Meyer procura contradizer certos comentários críticos que se haviam firmado equivocadamente. Por isso dirá que não se deve “Nunca pedir mistério ao Eça, equilíbrio a Camilo e outros absurdos”. Nesse caso, ele defende a “técnica da compreensão relativa” no ato crítico, quer dizer, “para cada autor um modo de abordá-lo sem exigência descabida”. Aqui certamente respondia a Graça Aranha que dissera ser Eça “um escritor sem mistérios”. O crítico gaúcho verá como qualidade o que o outro apontara como defeito, encontrando talento em Eça ter sido “apenas uma objetividade nítida, retocada de ironia” (Meyer, 1947, p. 209).

Nos comentários à obra queirosiana que dispersa na imprensa do país antes de integrá-las a livros, Meyer sempre procura situá-lo em relação a outros autores europeus e a Machado. Mesmo que não sejam numerosas, essas referências críticas

⁶ Veja-se, a respeito, o estudo de Alberto Machado da Rosa, *Eça, discípulo de Machado?* (Formação de Eça de Queirós: 1875-1880). Lisboa: Editorial Presença, 1964, que comprova o impacto dos comentários machadianos para as transformações introduzidas na reescrita do romance *O crime do Padre Amaro*.

se inscrevem no conjunto das preocupações do autor com a teoria do romance e com a obra de grandes ficcionistas. Não hesita em colocar Eça entre os clássicos, dotado de clareza e nutrido de ironia, e o aproxima de Balzac, Flaubert e Baudelaire. Aliás, este é um dos achados críticos que está no texto sobre as “Origens d’O Mandarim”, para ele uma verdadeira “obra prima”.

Ao recuperar em leitura intertextual pontos de contato com Balzac e a novela de Chamisso, Peter Schlemihl, Meyer observa como Eça foi além, incorporando em seu fecho uma sugestão preciosa de Baudelaire, em as **Flores do mal**. No texto queirosiano – de forma talvez inconsciente – surge a referência a “meu semelhante e meu irmão” – “mon semblable, mon frère”, como um intertexto claro e sugestivo. Sobre essa alusão dirá Meyer: “Entre a vaga recordação de um texto lido e relido e as revelações ou os incitamentos que provoca em nós, cabe todo um sistema de vasos comunicantes”.⁷

Ao revisitar Eça, mais tarde, em artigo inserido no livro **Preto & Branco** (1956), Meyer critica-lhe “a tendência para simplificar demasiado a concepção psicológica das personagens, sacrificando muitas vezes a densidade humana em benefício do que lhe parecia uma objetividade necessária, na obra de ficção” (Meyer, [19--], p. 62). Mais uma vez, embora sem citar, o crítico estabelece de forma implícita a comparação com Machado, para ele um mestre na criação de “penumbras” e densidades psicológicas. Mas essa carência não elimina o valor que encontra em seu estilo e na esteira do estudo de Guerra da Cal, publicado em 1954, alude a aspectos que realmente aprecia em Eça: “a ironia, a sensualidade, o pitoresco, a fantasia realista, o dom da caricatura...”.

Nesse último texto, o crítico se ocupa em refletir sobre a atuação crítica, tomando-a na acepção de leitura. Assim, reler Eça significa retroceder na própria história pessoal de cada leitor para quem, como diz, “reler tem quase a plenitude de uma primeira leitura”. Como nos trabalhos anteriores, Meyer refere a estudos recentes de críticos portugueses, comprovando que nele se mantém aceso o interesse pela interpretação da obra queirosiana.

EÇA: LEITURAS E RELEITURAS

É desta fidelidade dos leitores que nos fala Theodemiros Tostes em quatro crônicas sobre Eça publicadas no **Caderno de Sábado**, suplemento cultural do jornal

⁷ O grifo é meu para sublinhar a justeza da metáfora empregada na leitura intertextual: se um texto é sempre atravessado por outros textos, compondo uma ampla rede de relações e alusões, como se sabe, a expressão “sistema de vasos comunicantes” é preciosa para configurar essa propriedade textual.

Correio do Povo, de Porto Alegre, em um intervalo de 14 anos e no espaço de leituras e releituras da obra.

Ocupa-se Tostes principalmente com a recepção da obra no Brasil, dela sublinhando dois aspectos essenciais: inicialmente, a ampla aceitação de que foi objeto, tendo-se criado mesmo, em certa época, uma espécie de “ecite”, adesão total ao escritor; depois, de como os brasileiros, “devotos” de Eça buscam em Portugal visitar os locais onde ele viveu e onde se situam as diversas obras. Fazem, como observa o cronista, verdadeiras “romarias” a esses lugares, pois aprendem a identificar o país com o escritor e a reconhecer um no outro.

No primeiro dos textos, “Permanência de Eça de Queiroz”, estampado no dia 28 de agosto de 1966, o autor escreve: “O Brasil tomou conta de Eça, encampou-o, nacionalizou-o e o seu culto tomou proporções de verdadeira epidemia literária (...) Suas páginas eram lidas e decoradas, suas personagens viraram amigos íntimos e os ecinhas mirins pulularam seduzidos pela magia do seu verbo”. Retoma posteriormente a questão em “O nosso Eça”, publicado em 22 de julho de 1972, dirá que “não é preciso voltar ao lugar-comum de que a obra de Eça de Queirós sempre foi, e ainda é, mais popular em terras brasileiras do que na própria terra que a originou. O brasileiro gostou do Eça, apossou-se dele, naturalizou-o e esgotou edições de suas obras, com uma voracidade que nunca mostrou em relação ao produto nacional.”

Vê-se, então, que as observações de Tostes coincidem com as de Antonio Candido, referidas no início. Ambos acentuam o caráter quase religioso da expressão de apreço, traduzindo-o pela terminologia utilizada: culto, romaria, ecite. Por outro lado, a frequência dessas releituras resulta em uma familiaridade com o autor de tal modo que, como observa Tostes em “Uma página de Eça de Queiroz”, em 8 de março de 1980, “de repente, a gente volta a Eça de Queiroz. E a verdade é que é bom voltar a um velho amigo, cada vez que este mundo perde o seu sentido de humor e nos bombardeia diariamente com suas surpresas desconcertantes. A geração que aprendeu a ler literatura nos romances de Eça conserva do seu contato com o amável bruxo o gosto por aquela frase voluptuosamente arredondada e pelo tempero de ironia que lhe dá o mais fino do seu encanto”.

Mais adiante o cronista completa: “E, se nos seus romances sempre relidos ele nos deixou um retrato de sua gente – um retrato que a intenção às vezes caricatural não chega a falsear ou desfigurar – é nas suas crônicas, nos seus bilhetes, nas suas cartas e nas suas notas que ele nos dá a imagem do mundo que lhe tocou viver, menos como figurante do que como espectador”.

São esses textos que as edições críticas conduzidas no Brasil e em Portugal ainda hoje nos dão a ler, estimulando novas leituras e interpretações da obra queiroisiana e nutrindo sua permanente voga entre nós.

RÉSUMÉ

Il s'agit d'analyser la diffusion et la réception de l'oeuvre d'Eça de Queirós au Sud du Brésil, en l'intégrant dans le panorama général du pays et en identifiant ses traits particuliers à travers la lecture du livre biographique de Vianna Moog, des études critiques d'Augusto Meyer et des chroniques de Theodemiro Tostes, trois auteurs "gaúchos" d'une même génération littéraire.

Referências bibliográficas

- ABDALA JUNIOR, Benjamin. *Ecos do Brasil. Eça de Queirós*. Leituras brasileiras e portuguesas. São Paulo: Ed. Senac, 2000.
- BERRINI, Beatriz. *Eça de Queirós. Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.
- CANDIDO, Antonio. Eça de Queirós, passado e presente. In: ABDALA JUNIOR, Benjamin. *Ecos do Brasil. Eça de Queirós*. Leituras brasileiras e portuguesas. São Paulo: Ed. Senac, 2000.
- CARVALHAL, Tania F. Centenários cruzados: Eça de Queirós e Gilberto Freire. COLÓQUIO INTERNACIONAL "EÇA ENTRE MILÊNIOS; PONTOS DE OLHAR". Porto Alegre: UFRGS, 2000.
- CAVALCANTI, Paulo. *Eça de Queirós. Agitador no Brasil*. Recife: Guararapes, 1983.
- EÇA DE QUEIRÓS – Documentário de uma comemoração. Recife: Prefeitura Municipal, 1947.
- FREYRE, Gilberto. *O outro amor do Dr. Paulo*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1977.
- LINS, Álvaro. *História literária de Eça de Queirós*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1939; 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1945.
- MEYER, Augusto. *À sombra da estante*. Porto Alegre: Globo, 1947.
- MEYER, Augusto. *Preto & Branco*. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1956; 2. ed. Rio de Janeiro: Grifo, 1971.
- MINÉ, Elza. *Eça de Queirós, jornalista*. Lisboa: Livros Horizonte, 1986.
- MOOG, Vianna. *Eça de Queirós e o século XIX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.
- PAIVA, José Rodrigues de. Breve notícia sobre a recepção de Eça de Queirós no Recife. In: *150 Anos com Eça de Queirós* [Org. Elza Miné]. ENCONTRO INTERNACIONAL DE QUEIROSIANOS, 3. Anais... São Paulo: USP, 1995.
- PEREIRA, Lúcia Miguel & REIS, Câmara (Org.). *Livro do Centenário de Eça de Queirós*. Lisboa/Rio de Janeiro: Dois Mundos, 1945.
- REIS, Carlos. Leitores brasileiros de Eça de Queirós. Algumas reflexões. In: ABDALA Júnior, Benjamin. *Ecos do Brasil. Eça de Queirós*. Leituras brasileiras e portuguesas. São Paulo: Ed. Senac, 2000.
- ROSA, Alberto Machado da. *Eça, discípulo de Machado? Formação de Eça de Queirós: 1875-1880*. Lisboa: Editorial Presença, 1964.
- TOSTES, Theodemiro. Artigos de Jornal Esparsos. In: Caderno de Sábado. *Correio do Povo*, Porto Alegre.
- VERISSIMO, Erico. *Solo de Clarineta I*. Porto Alegre: Globo, 1973.